APRESENTAÇÃO

A ciência no Brasil foi duramente atingida pela pandemia. Enfrentando desde 2019 um governo que a desqualificava, assitimos com a pandemia a perda de intelectuais, o encolhimento de congressos e outras perdas que nos afetaram. A revista Entropia em seu número 10, continua nesses tempos sombrios divulgando pesquisas no campo das Ciências humanas. E nós, da equipe editorial, convidamos a leitura dessa edição.

Cecilia Vallejos Parás discute a participação política estundantil no México. A construção de um direito e as ferramentas que legitimam essa participação.

Carlos Eduardo Pereira de Oliveira nos apresenta o processo de ingresso da MTV no Brasil e seus impactos no meio midiático. Associando seu ingresso ao contexto da promulgação da Carta Constitucional de 1988, o autor nos leva a refletir sobre a liberdade de exexpressão no país.

Luiza Pereira Manske e Maria Sara de Lima Dias analisam como a engenharia civil, um dos mais antigos cursos universitários do Brasil, vivencia um crescimento da presença feminina em seu interior. Apesar disso, a profissão ainda é marcada pela divisão sexual do trabalho principalmente no que diz respeito à atuação em canteiros de obras. Este artigo objetiva refletir sobre o percurso histórico traçado pelas mulheres brasileiras no campo educacional e profissional das engenharias, focalizando as dinâmicas do mundo do trabalho atual e seus efeitos sobre as engenheiras civis.

Dayanne da Silva Santos procura dialogar com os estudos que envolvem a luta quilombola no Brasil e a titulação de seus territórios em meio aos diversos processos de expropriações de terra na expansão de projetos de desenvolvimento econômico. Analisando a construção da identidade em devir serão tecidas reflexões sobre como se resiste a empreendimentos que estão se instalando em áreas já ocupadas pelo povo negro e como essas instalações atualizam no presente processos antigos de racismo.

Graciella Fabrício da Silva apresenta um balanço das ocupações estudantis ocorridas na rede estadual do Rio de Janeiro, no ano de 2016. Partindo da perspectiva da luta de classes, vai compreender o movimento de ocupação das escolas enquanto uma luta empreendida pelos estudantes secundaristas contra a precarização da educação púbica resultante das políticas neoliberais. Em sua análise, não se furta a apontar os desafios enfrentados pelo movimento estudantil com a ascensão do conservadorismo e as possíveis saídas para a transformação social.

Pablo Díaz Estévez anos apresenta reflexões sobre as alternativas a serem construídas pelos movimentos sociais latinoamericanos. Seu marco de discussão se dá diante dos movimentos ocorridos entre setembro e novembro de 2019 no Chile, Equador e Bolívia. Pensando a constituição de uma "pedagogia do movimento social", ele usa como referência os trabalhos de Giulio Girardi e de José Luis Rebellato.

Fabiana Ribeiro de Andrade Junqueira nos fala que os lugares de memória da classe operária no Brasil são inúmeros e diversificados. Alguns marcaram rotineiramente a vida dos trabalhadores, outros compuseram a trajetória dos proletários apenas em um episódio. Não foram muitos os locais frequentados e apropriados pelos trabalhadores que sobreviveram ao tempo. No campo de batalha de memórias, os lugares do mundo do trabalho por vezes foram negligenciados e em poucos casos celebrados, mas cada um deles são partes constituintes do processo de formação da classe trabalhadora. Buscando ampliar o conhecimento sobre a ação dos trabalhadores nas pequenas e médias cidades, e procurando estimular uma reflexão sobre os espaços onde vivemos e como sua história e memória são tratadas, esse artigo pretende analisar alguns desses lugares de memória dos trabalhadores no município de Piracicaba,

Lucas Milhomens nos apresenta sua pesquisa no Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O objetivo central do presente artigo, é o de apresentar um panorama das redes de mobilização dos movimentos sociais no contexto amazônico. O artigo parte de uma análise panorâmica da formação histórica e social da Amazônia brasileira, com destaque para àqueles que são onsiderados enquanto os principais protagonistas nesse processo: os movimentos e organizações sociais desta região, incluindo os que surgiram após a presença do Governo Civil-Militar nos anos de 1960.

Hélio Maúngue procura apresentar como o processo de modernizar capitalizar a agricultura moçambicana, o Estado lançou o programa ProSavana, como um modelo de desenvolvimento rural e agrícola. A campanha "Não ao ProSa-

vana" se manifestou como uma forma, não somente, de intermediação política, mas também de diálogo, conflito, plataforma de fala e de contestação perante ao Estado moçambicano e dos parceiros internacionais no programa.

Tatianne Ellen Cavalcante Silva apresenta trabalho que se propõe analisar o livro "Tropical Sol da Liberdade" de Ana Maria Machado e os documentários "Que bom te ver viva" de Lúcia Murat e "Vou contar para meus filhos" de Tuca Siqueira, como espaços de construção de memórias femininas referente à ditadura civil-militar brasileira. A autora fixa três pontos que serão abordados no artigo: a obra literária e a construção autobiográfica; os documentários enquanto espaços autobiográficos; e o testemunho de mulheres como espaço de resistência ao esquecimento e ao apagamento de suas experiências frente ao sistema ditatorial.

Matheus Silveira Lima discute dois conceitos relevantes da sociologia e da teoria econômica empregados para a compreensão do percurso e o papel do Estado no Brasil. Enfatizando a genealogia de seu congênere em Portugal, que assume um lugar fundador e elementar. Sua análise sociológica vai se conectar ao tema da construção política patrimonialista e ao surgimento do capitalismo comercial, resultando, depois, em um empecilho para a formação de uma democracia madura e de um Estado moderno. Numa perspectiva econômica, a abordagem do tema do Estado enfatiza o seu papel como propulsor do desenvolvimento ao longo do século XX, até a década de 1980, quando perdem forças as estratégias de crescimento e modernização pelo viés desenvolvimentista, passando a orientar-se cada vez mais por uma economia de mercado.